



I. Os anos da peste

1. Sessenta segundos na realidade

2. Diário 1976

3. Diário 1977

4. Diário 1978

5. Diário 1979

6. Diário 1980

7. Diário 1981

8. Diário 1982

9. Os finais

II. Um dia na vida

III. Dias sem data

1. Private eye

2. O cachorro cego

3. O conselho de Tolstói

4. O piano

5. O urso

6. O bar de Scott Fitzgerald

7. Que gato?
8. A maré baixa
9. A ilha
10. Um dia perfeito
11. A queda

Autor

Créditos

I.
Os anos da peste

1.

Sessenta segundos na realidade

Tinha passado vários meses, exatamente desde o início de abril de 2014 até o final de março de 2015, trabalhando nos seus diários, aproveitando um transtorno, passageiro segundo os médicos, que o impedia de sair para fora; como Renzi dizia aos amigos, brincando, sair para fora já foi uma tentação para mim, e também não me interessa o que poderíamos chamar ir para dentro, ou ficar dentro, porque inevitavelmente, Renzi disse aos amigos, a gente se pergunta: para dentro do quê?, enfim, graças a esse — ou por causa desse — transtorno passageiro, ele pôde afinal dedicar todo o seu tempo e toda a sua energia a revisar, reler, visitar seus diários, dos quais tinha falado muito em outra época, porque sempre estava tentado — em outra época — a falar da sua vida, ainda que não se tratasse disso, e sim de falar dos seus cadernos. Mas nunca o fazia, apenas aludia a essa obra pessoal, privada e “confidencial”, embora muitas vezes o que ele tinha escrito nos cadernos ocorresse, como se diz, tal e qual nos seus romances e ensaios, e nos contos e novelas que ele escreveu ao longo dos anos.

Mas agora, aproveitando o transtorno que de repente o atacou, ele teve a oportunidade de se recluir no seu estúdio para transcrever as centenas e centenas de páginas escritas com sua letra manuscrita nos seus cadernos de capa preta. Por isso, quando se sentiu afetado por um transtorno misterioso, de sinais visíveis — por exemplo, a dificuldade para mexer a mão esquerda —, mas diagnóstico incerto, então, como ia dizendo, disse Renzi, começou uma tarefa interior, feita dentro, ou seja,

sem sair para a rua. Não leu seus diários cronologicamente, não suportaria fazer isso, disse Renzi aos amigos. Antes, muitas vezes empreendera a tarefa de ler aqueles cadernos e tentar passá-los à máquina, “a limpo”, mas depois de poucos dias desertava da pavorosa sucessão cronológica e abandonava o trabalho. No entanto, Renzi estava pensando em publicar suas notas pessoais seguindo a ordem dos dias, porque, depois de descartar outros modos de organização, por exemplo, seguindo nos seus cadernos um tema, ou uma pessoa, ou um lugar ao longo dos anos e dar à sua vida uma ordem aleatória e seriada, percebeu que desse modo se perdia a experiência confusa, sem forma e contingente da vida, e portanto era melhor seguir a disposição sucessiva dos dias e dos meses. Porque de repente percebeu que de um lado estava seu trabalho — era mesmo um trabalho? — de ler, pesquisar, rastrear nos seus cadernos, e outra questão muito diferente era a ordem de publicação das notas que registravam sua vida. Conclusão, ler não é o mesmo que *dar a ler*. Uma coisa é a pesquisa e outra a exposição, isso ele tinha aprendido na faculdade; para um historiador, são antagônicos o tempo que ele passa no arquivo procurando às cegas aquilo que imagina estar lá e o tempo que lhe toma expor os resultados da pesquisa. A mesma coisa acontece com quem se torna historiador de si mesmo.

Portanto, tinha resolvido apresentar seus diários em ordem cronológica, dividindo o escrito em três grandes partes, respeitando as etapas da sua vida, porque descobriu, ao ler os cadernos, que era possível uma divisão bem clara em três tempos ou períodos. Mas quando, em abril do ano anterior, encarou a tarefa de releitura e cópia das entradas do seu diário, ele se deu conta de que era insuportável imaginar sua vida como uma linha contínua e, rapidamente, decidiu ler seus cadernos ao acaso. Estavam arquivados de qualquer jeito em caixas de papelão de diversas origens e tamanhos, aqueles cadernos o haviam

acompanhado por toda parte, e a desordem das mudanças tinha quebrado toda ilusão de continuidade. Nunca tentara arquivá-los de forma ordenada. De vez em quando os trocava de lugar ou posição, conforme o estado de espírito, olhava para eles sem abri-los, por exemplo, espalhados pelo chão ou empilhados na sua mesa de trabalho, e o impressionava a quantidade de espaço físico que suas anotações pessoais ocupavam. Um dia, seguindo o exemplo do seu avô Emilio, resolveu destinar um cômodo exclusivamente para seus diários. Que ficassem todos num só lugar e, acima de tudo, que ele pudesse fechar a porta de acesso, inclusive à chave, o tranquilizava. Mas não chegou a fazer isso. Se havia desperdiçado parte da vida escrevendo os fatos e pensamentos num caderno, não ia agora, além disso, desperdiçar um cômodo da sua casa para se sentar e passar noites inteiras lendo e relendo as besteiras catastróficas do seu viver, porque não era sua vida, era o transcorrer dos dias. Usou então umas caixas de papelão que pediu ao seu amigo dono da mercearia da rua Ayacucho e usou caixas de diversos produtos para guardá-los e encaixotá-los sem nenhuma ordem e, por fim, para não cair em tentação, decidiu ficar de costas para os cadernos, guardados em oito caixas, e então, sem olhar, apenas tateando, puxar um caderno. Assim, de acordo com o que Renzi disse aos amigos, tinha conseguido desarticular por completo sua experiência e passar das anotações de uns meses em que ele estava sozinho e inativo para outro caderno onde se revelava ativo, lúcido e conquistador. Desse modo, começou a perceber que ele era várias pessoas ao mesmo tempo. Por momentos, um fracassado e um inútil, mas, ao ler depois um caderno escrito cinco anos antes, descobria um jovem talentoso, inspirado e vitorioso. A vida não deve ser vista como uma continuidade orgânica, mas como uma colagem de emoções contraditórias, que não obedecem à lógica de causa e efeito, não, voltou a dizer Renzi, não há progressão e claro que não há progresso, ninguém aprende nada da própria experiência, a não ser que tenha tomado

a precaução, um tanto insana e injustificada, de escrever e descrever a sucessão dos dias, pois então, no futuro — e apenas no futuro —, brilhará como uma fogueira no campo, ou melhor, arderá, nessas páginas, o sentido. A unidade é sempre retrospectiva, no presente tudo é intensidade e confusão, mas se olhamos o presente quando já aconteceu e nos instalamos no futuro para voltar a ver o que vivemos, então, segundo Renzi, algo se esclarece.

Tinha passado todos aqueles meses, desde o início de abril até o final de março, mergulhado na lagoa, às vezes turva, às vezes clara e transparente, da sua existência. Muitas vezes ficara durante algum tempo cativado por um escritor ou um filósofo, e passara meses mergulhado na massa de escritos de um autor — por exemplo, Malcolm Lowry ou Jean-Paul Sartre —, lendo tudo o que ele escreveu e tudo o que se escreveu sobre ele, mas agora, apesar de o sistema, digamos, ser o mesmo, tudo era diferente, porque o sujeito da pesquisa era ele mesmo, o si mesmo, disse com uma gargalhada. O si mesmo, o em si de cada um, mas como cada não é um, e sim outro e mais outro, num círculo aberto, resulta daí que a forma de expressão deve ser fiel à contingência e à desordem e que seu único modo de organização deve ser o fluir da própria vida.

Desde abril do ano anterior ele se dedicara aos cadernos, com a ajuda inestimável e sarcástica da sua assistente mexicana, Luisa, a quem ele havia ditado, ditou Renzi agora, todos os seus cadernos, e em meio a brincadeiras e risadas conseguiram nadar na lagoa de águas ao mesmo tempo turvas e transparentes. Naquele dia, segunda-feira, 2 de fevereiro, tinham acabado de chegar à margem e já podiam olhar em perspectiva o que tinham feito. Em meio ao cipoal de páginas escritas, lidas, ditadas e passadas a limpo, brilhavam alguns fatos, alguns acontecimentos ou situações que ele capturara e entrevira ao ditar, como se os

vivesse de novo. Toda experiência é, digamos assim, retrospectiva, um *après-coup*, uma revelação tardia, exceto dois ou três momentos da vida em que a paixão define a temporalidade e fixa no presente o sinal que perdura. A paixão, volta a dizer Renzi, é sempre atual, é o atual, porque se manifesta num presente puro que perdura como um diamante na vida. Se voltamos a ela, não é para recordá-la, e sim para vivê-la, agora, mais uma vez, no presente, sempre viva e incandescente.

Por exemplo, nessa época, o encontro com uma mulher, solitária e invicta mas também dolorida e alquebrada, num modesto apartamento no bairro de Villa Urquiza, mobiliado de modo anônimo, com uma cozinha igual a tantas cozinhas em Buenos Aires, ampla, onde era possível se sentar junto a uma mesa de madeira branca — como fizemos naquele dia ela e eu — para tomar uns mates. Eu só vi a cozinha e a sala de jantar, com fotos emolduradas e enfeites quase invisíveis de tão vistos, nem sequer vi o banheiro, mas posso imaginá-lo — o armarinho com espelho, os azulejos brancos —, como também posso imaginar o quarto com a cama de casal, usada fazia anos por apenas um dos cônjuges — o sobrevivente. Um apartamento num quinto andar igual a tantos outros, com o televisor sobre uma mesa junto à parede esquerda da sala, diante das poltronas brancas. Naquele lugar tão comum brilhava a verdade. E por isso recordo esse encontro com tanta nitidez, é só eu fechar os olhos que volto a estar lá. Há apenas uma referência lacônica nos meus cadernos, com o dia e a hora e uma anotação de passagem para não revelar demais, num tempo em que qualquer palavra ou gesto podiam fazer grandes estragos na vida da pessoa de quem se falava e que se tornava visível na menção. Precauções que serviam não para garantir nada ou para imaginar que estávamos a salvo, eram apenas para registrar que continuávamos vivos naquele tempo sombrio. Na época escrevi: *Hoje visitei o oráculo de Delfos, não porque ela — a mulher ferida — se apresente assim, mas pela clareza*

imperturbável do seu modo de falar. Um oráculo sem enigma; a confusão, em todo caso, é de quem o consulta. Recordo o encontro melhor e mais vividamente do que se o tivesse escrito, e essa evidência foi para mim — toda vez que a confrontei e recordei — a prova de um momento único em que a vida e o sentido estão juntos. À custa do quê?

Por isso falei da peste naqueles anos; era a forma de se referir ao mal social na tragédia grega. Uma praga que assolava uma comunidade em consequência de um crime perpetrado na própria sede do poder do Estado. Um crime estatal que provocava nos cidadãos — sob a forma de uma epidemia — o terror e a morte. Uma metáfora, em suma. Muito contraposta à metáfora, usual nos nossos dias, do poder despótico associado a um cirurgião que deve operar sem anestesia para abrir o corpo doente da nação. A ideia da cirurgia como metáfora médica da repressão estatal é muito comum na história do meu país. Um médico se vê obrigado, como dizem esses canalhas, a intervir sobre os corpos para curar a doença política que, segundo eles, aflige a nação.

A tradição grega, ao contrário, faz ver a calamidade como efeito do crime perpetrado no Estado: quem assassinou Laio, o rei, numa encruzilhada da estrada? A peste, portanto, é o efeito de um delito que atinge a população, os anos da peste são os anos sombrios em que os indefesos sofrem um mal social, ou melhor, um mal estatal que desce do poder sobre os cidadãos inocentes. Então, para remediar a maldade ou para encontrar um alívio ou uma saída, era preciso visitar a pitonisa, a mulher, misto de adivinha e de pássaro, encará-la e ouvir seu canto. Dessa dama, que conhecia o segredo, esperava-se que sua vida e seus hábitos fossem inatacáveis. E assim era Antonia Álvarez de Cristina, cujos poderes só vislumbrei muitos anos depois de visitá-la na sua modesta casa, em Delfos, quer dizer, em Villa Urquiza.

Esse era também o sentido do título do romance de Camus, *A peste*, o primeiro livro que li “pessoalmente”, quer dizer, que usei para contar a uma mulher, uma moça na verdade, minha versão do que tinha lido, não me lembro do que eu lhe disse, mas me lembro da noite em que li o romance com fúria e como se vivesse em mim, o livro, enquanto o lia para ela. E é isso o que tenho feito desde então, ler um livro, ou melhor, dar a ler um livro para alguém que o pediu. Para Camus, é o nazismo, a ocupação alemã, o que provoca a epidemia que se espalha até a Argélia. O outro sentido da peste é produzir uma série de narrações que a têm como condição, não como tema; vemos isso no *Decameron*, de Boccaccio, em meio ao terror da morte há sempre um grupo que se isola para contar, alternadamente, umas histórias. O perigo, o terror, a maldição de uma realidade sem saída muitas vezes são convertidos em narrativas, pequenas histórias que circulam no meio da noite para contar imaginariamente a experiência vivida daqueles dias sombrios, e poder suportá-los e sobreviver. A narração alivia o pesadelo da História. Por exemplo, já contei o relato anônimo que começou a circular naqueles dias em Buenos Aires. Alguém dizia que alguém tinha um amigo que uma madrugada, numa estação ferroviária, num subúrbio da cidade, tinha visto passar, lento e silencioso, um trem de carga que ia para o Sul carregado de caixões vazios. Essa era a história que circulava de boca em boca em meio à peste militar e ao horror argentino. Uma narrativa perfeita que dizia e não dizia, que aludia, na sua imagem, à realidade em que vivíamos. Porque aqueles caixões vazios remetiam aos corpos sem sepultura que assolavam, e assolariam durante décadas, a memória do país. Iam para o Sul, precisão esplêndida que aludia ao “deserto” patagônico, mas também, claro, à guerra das Malvinas que os assassinos vinham preparando fazia meses como via de escape e que o relato parecia antecipar. Como se sabia que os caixões estavam vazios? Era a força, pensava Renzi, da literatura fantástica, que na nossa

cultura foi um modo de narrar muito original que permite postular uma realidade inquietante mais verdadeira do que a realidade tal como é vivida. O outro dado muito político do relato era a presença de uma testemunha. Sempre há alguém que estava lá e viu o que acontecia para poder contá-lo, sempre há uma testemunha no lugar do fato, um particular que vê e vai contar. Por isso há no mundo certa justiça poética que permite que os crimes sociais sejam revelados e conhecidos. Há uma testemunha que dá seu depoimento e conta o que viveu e o que viu. Mostra e faz ver, porque o relato, disse Renzi, não julga, apenas *dá a entender* e desse modo permite saber o que a História oculta.

A peste, portanto, e nós, testemunhas, contamos o que vivemos naquele tempo sombrio; meus cadernos são um registro alucinado e sereno da experiência de vida em estado de exceção. Tudo parece continuar igual, as pessoas trabalham, se divertem, se apaixonam, se distraem e não parece haver sinais visíveis do horror. Isso é o mais sinistro, sob uma aparência de normalidade, o terror persiste e a realidade cotidiana continua aí como um manto, mas às vezes um vazamento deixa ver a verdade crua. Por exemplo, quando voltei a Buenos Aires, depois de passar vários meses lecionando na Universidade da Califórnia, San Diego, em 1977, porque não me exilei, embora pudesse ter ficado lá, e decidi voltar a Buenos Aires, já que a mulher com quem eu vivia naquele tempo, Iris Marrapodi, não queria deixar o país sem o filho, mas o pai do garoto, o professor de grego e latim Javier Méndez, se negava a permitir que seu filho de dez anos viajasse ao estrangeiro, fazendo valer o assim chamado “pátrio poder”. Portanto fiquei com ela, e acho que mesmo sem ela teria permanecido aqui, porque naquele tempo eu estava longe de ser um escritor conhecido e não pensava correr perigo, e era difícil imaginar uma vida fora de Buenos Aires. E então, disse Renzi, ao voltar, como sempre faço ao voltar de uma temporada fora do

país, fui para a rua e percorri os lugares para mim mais íntimos e emotivos, saí em busca do mundo onde tinha vivido e sido feliz, e naquela tarde de repente percebi que os militares tinham mudado o sistema de sinais da cidade e, em lugar dos legendários postes pintados de branco que indicavam os pontos de ônibus, tinham instalado placas em que se lia *Zona de detenção*. Notei que a cidade inteira, dizia Renzi, estava cheia daqueles sinais funestos, que estavam lá para dizer — e não dizer — que os habitantes eram todos potenciais detidos, detidos-desaparecidos à espera, com permissão para andar nas ruas até que nos mandassem alinhar e fazer fila para sermos transportados. A cidade dividida em zonas de detenção. Estaquei, paralisado; era como se estivesse lendo que toda noite as pessoas deviam se alinhar naqueles pontos e fazer fila para ser levadas aos campos de concentração, onde seriam torturadas e assassinadas. *Zona de detenção*, há muitas maneiras de indicar o lugar onde os ônibus param, mas dar esse nome aos pontos parecia uma manifestação que tornava visível o que estava acontecendo. Suponho que, antes de escolher essa forma de nomear os pontos, devem ter discutido com urbanistas e publicitários até encontrarem, os militares, o nome mais ajustado às suas ações de sequestro e detenção dos cidadãos. *Zona de detenção*, na cidade ainda sobrevivem algumas dessas placas. Nos meus cadernos daqueles anos está narrada minha forma de viver sob a peste, como eu circulava pela cidade feito um fantasma, como ganhava a vida e as coisas que escrevia e fazia.

O melhor exemplo da verdade dessa época, dizia Renzi, foi minha visita a Antonia, seus dois filhos estavam desaparecidos, Eleonora e Roberto tinham sido sequestrados, torturados e assassinados. Ela era militante da organização Montoneros e ele era dirigente da Vanguarda Comunista, um grupo político de orientação maoista. Eu era amigo do Roberto e o via com

frequência, e esses encontros estão registrados, elipticamente, nos meus diários. Mas a visita, naquela tarde, à mãe que me recebeu na sua casa em Villa Urquiza foi uma epifania, em meio ao horror e ao desespero e à notícia atroz que afluía do inferno e se infiltrava entre nós, ocorreu um milagre, sem estridências, numa conversa tranquila, em meio à dor daquela mulher, houve um momento de claridade.

Havia no YouTube, segundo Junior, um vídeo em que Renzi falava das Mães da praça de Mayo e contava que tinha visitado uma delas e que a mulher, segundo Renzi, lembrava Junior, discutia diariamente com o televisor por causa das mentiras que espalhavam. Ele a recordava muito nitidamente, disse Renzi, e começou a ditar, em 1978 fui visitar Antonia Cristina, mãe de Eleonora e Roberto, seus dois filhos desaparecidos. Morava num apartamento muito modesto em Villa Urquiza, e de fato, dizia Renzi, discutia com o televisor e rebatia suas mentiras. Ela me disse: só peço a Deus que me deem um minuto na televisão para poder dizer como as coisas são. Todas as noites, ela me disse, repenso e ensaio o que poderia dizer a eles num minuto, retoco, ajeito. E o que essa mulher, sozinha na cidade, queria dizer era o que hoje é um pensamento aceito na Argentina. A verdade dos fracos às vezes consegue se fazer ouvir. É algo que sempre devemos lembrar.

Não era o oráculo? Era o oráculo, uma mulher na cidade, que à noite, antes de dormir, na hora incerta em que o dia muda, memorizava e revisava e às vezes repetia, em voz baixa, a verdade, enquanto lá fora milhares e milhares de palavras, ditas pelos assim chamados porta-vozes do poder militar, repetiam suas canalhices tentando apagar a realidade dos seus crimes, e os locutores de televisão e os principais jornalistas repetiam e amplificavam a versão distorcida dos fatos, enquanto num apartamento modesto em Villa Urquiza uma mulher pensava

repetidas vezes em dar forma a um relato simples, verdadeiro, direto e frontal, que resumia e respondia às milhares de palavras ditas pelos canalhas. A vidente devia ser uma mulher íntegra, assim na Grécia clássica como também, séculos mais tarde, num modesto apartamento em Villa Urquiza, Antonia retomava essa tradição, que era também a de Antígona, e pedia justiça, pedia que seus filhos pudessem receber uma sepultura digna. Renzi tentara imaginar aquelas palavras, e o impacto daquela voz o ajudou a sobreviver e a escrever. O silêncio da mulher — as palavras que ela pensava e não podia dizer e que ninguém escutava — era o segredo, o enigma, o que não é dito mas é sabido, um dizer que esperava sua oportunidade para se transformar num ato que mudaria a realidade. Assim, os militares argentinos tinham ido à guerra nas Malvinas para que aquela voz não fosse escutada. E a tentativa de silenciá-la os levava à derrota e ao desastre.

Renzi tinha passado, portanto, todos aqueles meses fechado no seu estúdio, lendo seus cadernos sem ordem, até finalmente chegar aos anos da sua experiência daquele tempo, e isso era o que agora pensava dar a conhecer, quer dizer, mostrar o modo confuso e incerto em que escrevera sobre aqueles anos enquanto os vivia. Não depois, quando tudo se esclareceu, e sim a quente, sobre o terreno, ou melhor, na fronteira psíquica da vida, instalado na terra de ninguém que dividia a realidade em dois, de um lado o horror, do outro lado a loucura, as loucas que à noite repetiam como uma prece a verdade da História, o pesadelo, a peste, seus filhos sem sepultura. Repetiam, aquelas mulheres, como numa ladainha, o que todos sabiam e ninguém ousava dizer. Era isso que Renzi contava naquela tarde de fevereiro, no seu estúdio, acometido de um transtorno passageiro que o impedia de se mover com liberdade e obrigava seus amigos a ir vê-lo, para escutar sua versão dos fatos da sua vida, conforme os registrara nos seus cadernos de capa preta.

2. Diário 1976

Janeiro

Alguém que escreve num caderno alfabético e ordena as emoções, as letras guiam os sentimentos (que sintaxe pode resistir à descoberta da paixão?).

Domingo 4

Releio *Madame Bovary* e estou no meio da cena da feira. O contraste não é fácil demais? Discurso tosco, tosca sedução: as grandes palavras. A mesma sensação desde o começo: muita ênfase no mundo “estúpido” de Charles Bovary, oposto à espiritualidade piegas de Emma. Peço desculpas, porque Flaubert é um mestre extraordinário, o fato de preparar o adultério com Léon e fazê-lo consumir depois com outro homem é notável.

Terça-feira 20 de janeiro de 1976

No anfiteatro da Faculdade de Direito, em frente ao Panthéon, homens e mulheres que se amontoam e mantêm entre si suaves cumplicidades. Entra Lacan, casaco de pele, paletó xadrez, blusa de médico, charuto apagado, extenso e ziguezagueante, fala num sussurro incompreensível: estranha agressividade. Faz com que desejem sua voz, já que vieram escutá-lo, “quem quiser me ouvir que me leia”, repete duas vezes. Depois apresenta um jovem pulcro (Jacques Aubert), que expõe uma correta leitura de Joyce, enquanto Lacan faz as vezes do seu monitor escrevendo na lousa, com gesto teatral, palavras soltas: “Dublin”, “pai”, “Bloom”.

Vimos Barthes: a loucura, disse, está sempre na sintaxe, porque é aí onde o sujeito procura seu lugar. Uma longa espera antes, na escada.

Domingo 1º de fevereiro

Em Buenos Aires, de volta em casa, entro sozinho no apartamento da rua Canning, arrumado e limpo: estranha paz. Brincar de homem solitário que volta de uma viagem a Paris.

Sábado 14

Passei a semana arrumando minhas estantes. Pacotes e mais pacotes de papéis queimados, acumulados durante anos, nos quais não fiz mais do que escrever inutilmente. Traço a linha. Eu tinha quantos anos? Papéis e mais papéis agora em sacos de plástico, transparentes, práticos para o lixo.

Leio as cartas finais de Nietzsche, a destruição da sua mente que, no entanto, não contamina o estilo.

Rumores de golpe de Estado, segundo o Rubén, não passa desta semana.

Segunda-feira 16

Almoço fruta e leite. Começo a fumar depois das duas da tarde.

Quinta-feira 19

Insólito telefonema de Ulyses Petit de Murat para elogiar *Nome falso*, leitura que parece vir de outro mundo e, no entanto, se opõe à dos que parecem estar mais próximos (Juan Carlos Martini, Enrique Molina, Osvaldo Soriano), que tomam a história sobre Arlt ao pé da letra e acham que é verdade.

Sexta-feira 27

Fala-se do golpe militar como inevitável, Lorenzo Miguel apoia Isabel, e os militares, ao que parece, já organizaram um gabinete. Repetem-se as generalizações do golpe de 1955: corrupção, ineficiência etc. O objetivo parece ser desarticular o movimento sindical para dar via livre ao projeto liberal.

Sábado 28

As memórias de Sarmiento vão se organizando num eixo sobre o qual eu gostaria de trabalhar: o projeto de ser escritor, as condições de possibilidade. No caso de Sarmiento, encontro um núcleo que chamarei de “arltiano”: obsessão com a legitimidade, com a falta de títulos acadêmicos, leituras excessivas, busca de reconhecimento: por causa dessas faltas ele se torna escritor. Talvez fosse possível partir desses nós para reconstruir um percurso — fazer um nome com a literatura — presente em Sarmiento, mas não só nele.

Em Arlt, reler as *Águas-fortes*: o escritor que vê, o vidente (que vem das ciências ocultas), a forma é: hoje eu estava caminhando pela rua e vi. Ele escreve essas crônicas por dinheiro, e por isso o secretário de redação tem o direito de cortá-las. Você é um gênio, repete, para lhe explicar por que esses fragmentos rasurados não saem.

Por seu lado, Mansilla: o início da sua escrita está ligado à sua fuga da prisão depois da tentativa de duelo com José Mármol. Refugia-se em Santa Fe e é contratado pelo governador para descrever aquilo que não viu, sob o nome de quem lhe paga; pressionado e por dinheiro não consegue, a escrita não sai (“de como a fome me fez escritor”). Inversão da sua “facilidade” e investimento da sua fortuna familiar. A partir daí só escreverá sob seu próprio nome e apenas aquilo que viu. Comparar, então, as *Causeries* de Mansilla e as *Águas-fortes* de Arlt.

Releio *Dom Quixote*, lembro da primeira leitura do romance, em 1959. A oposição Quixote-Sancho parece se basear no legível, a oposição loucura-razão depende da leitura: dom Quixote diz “tudo isto terias por certo se tivesses lido tantas histórias como eu”, ao que Sancho responde “perdoe-me vossa mercê, pois, como não sei ler nem escrever, como já lhe disse...”.

Segunda-feira 1º de março

Enfim, a velha conhecida superstição que me acompanha desde sempre: os inícios precisos que permitem começar de novo. O sujeito que vai embora (“Wakerfield”) e larga tudo para se transformar em “outro”.

Terça-feira 2

Por momentos tenho a sensação de que avanço com dez anos de atraso: agora devia ter vinte e cinco anos, nesse caso “poderia” ter — ou me dar — tempo para fazer e entender tudo o que quero. Por que dez anos? Como se tivesse acordado para a vida em 1950, ou seja, quando nasceu meu irmão, súbita descoberta da “realidade”, urgências etc. Talvez por aí possa entender minha formação descontrolada: levado pela deriva do desejo, somente este diário enlaça e fixa os fragmentos. Recordava períodos anteriores parecidos com o mês passado: aquele verão de 1960 morando na casa vazia dos meus pais, perto do porto. Tinha escrito ou estava escrevendo “Os autos do processo” e simultaneamente havia mergulhado numa história econômica da República Argentina (seria a de Ortiz?) e num estranho livro (soviético) sobre lógica dialética. Preenchia cadernos de capa dura com anotações febris. Lembro, enfim, de uma maciça leitura de William Shakespeare na cozinha da minha casa.

No sábado, visita do Augusto Roa Bastos, solitário e um pouco distante das suas borrascas sentimentais. Quase morreu — disse

— escrevendo *Eu o Supremo*. Planeja escrever três livros: um deles com os restos de *Eu o Supremo*, outro sobre López; vai passar o que resta do verão numa chácara dos subúrbios, sozinho.

Como sempre, fascinado com a ideia de um escritor que se isola. No meu caso, a fantasia esteve sempre ligada à presença de alguém que me espera. Quero dizer, estar sozinho, mas que outras pessoas saibam disso. O que volta a demonstrar a urdidura literária da minha intenção de viver como um solitário.

Sábado

Diversas e sucessivas modas homogeneizaram os intelectuais argentinos: Cortázar (1963-67), o estruturalismo (1968-71), o populismo (1972-74), hoje essa bandeira é o exílio. Todos vão embora, querem sair, fogem, todos dão os mesmos argumentos. Ontem encontros sucessivos com José Sazbón, Néstor García Canclini, Eduardo Menéndez. Atemorizados, incapazes de sustentar um projeto em meio a esta escuridão, só pensam em sair, em procurar uma estrutura acadêmica que os sustente. Resisto ao exílio como alternativa de vida em tempos difíceis.

Sábado 13

Dedicar este mês a transcrever o diário (1958-62) e a escrever neste caderno. Entre os velhos dias encontro esta anotação escrita à máquina no sábado, 1º de julho de 1970: “Um bom jeito de mudar de assunto é começar a passar a limpo estes cadernos, afinal me transformar no leitor de mim mesmo, ver a mim mesmo como se fosse outro, sentir a rudeza de uma linguagem esquecida, acontecimentos que a memória não registrou e que resgato canhestramente nestes volumes de capa preta, escritos também com a música de uma conversa secreta”. Assim como hoje, que voltei pela Corrientes entrando e saindo das livrarias, com o vento frio gelando meus pés, até chegar aqui.

Encontro com o Andrés no Ramos. Não haverá golpe militar, segundo ele (está enganado). Depois me fala distanciado dos seus dramas familiares e do pai, que se nega a comer. Resiste a exigir da Corregidor que marquem a data de publicação do seu romance, e é difícil que saia nos próximos meses. Fui me encontrar com ele porque me levou fragmentos do diário de Brecht.

Domingo

Produtiva leitura de *Facundo*: o sistema de citações e referências culturais que vêm legalizar a enunciação. Erros, desvios, lapsos, contradições.

Nova mudança de planos: não é o momento para passar o diário à máquina. Levaria um tempo que não posso ceder. Transcrevê-lo como se fosse um romance, com que finalidade? Volto ao ensaio sobre Roberto Arlt.

Quinta-feira 18

Vastos elogios à “Homenagem...” em *La Nación*. “Novela que entrará para a história.”

Sexta-feira 19

Pode-se dizer de Brecht o mesmo que Chklóvski diz de Shakespeare: “Não foi um criador de argumentos, e sim de novas motivações para a ação”.

Romance. Escrevo a história de alguém (Maggi) que escreve a vida de outros (Enrique Ossorio). Encontrando um motivo, ele poderia se desdobrar numa narrativa com tons estranhos e fábulas intermináveis, no estilo de *As mil e uma noites*. O outro pode talvez estar preso ou louco. Por outro lado, o escritor é obrigado a decifrar os papéis (cartas, diários) que o outro deixou. Mas como termina um romance desses? Intriga policial,

investigação. Os papéis de Ossorio chegam a Maggi por meio de um descendente do personagem do século XIX.

Sábado

Jantar na casa do Andrés: os vizinhos que vigiam uns aos outros; o radicalismo yrigoyenista — que não existe mais —, o refluxo das lutas sociais e o militarismo exasperado dos grupos guerrilheiros são de direita, ele diz. As viaturas de patrulha têm sistemas que permitem verificar os antecedentes de qualquer pessoa em dez minutos. A pessoa tem que esperar junto ao carro, com os documentos presos; a roleta-russa.

Segunda-feira

Rumores de golpe militar, tentativas de alianças do radicalismo e do peronismo. Plano: frente multipartidária com vistas às eleições de dezembro a fim de deter o golpe. São cada vez menos os que vão atrás dessa saída: certos setores do radicalismo (Perette, De la Rúa) e do peronismo verticalista.

Terça-feira 23

O golpe militar parece iminente. Os deputados radicais retiraram o busto de Yrigoyen que estava no Congresso. Fico indignado com a atitude geral; apavoradas com a violência, as pessoas esperam que os militares tragam “ordem”.

Quinta-feira 25

Ontem, o golpe. Fiquei lendo a noite inteira até de madrugada e pela janela vi os militares cortando o trânsito, escutei vozes de comando, vi ônibus ofuscados com a luz de um holofote antiaéreo, vi civis patrulhando as ruas; na manhã seguinte, voltei à vertigem de escutar as rádios em cadeia nacional transmitindo marchas militares. Preparam uma repressão sangrenta. Seu assessor econômico é Martínez de Hoz. Passei a quarta-feira sem pôr os pés na rua, hoje me

preparo para dar uma espiada na cidade.

É como se eu sempre tivesse esperado algo assim acontecer.

Sexta-feira 26

O pior é a sinistra sensação de normalidade, os ônibus circulam, as pessoas vão ao cinema, sentam-se nos bares, saem dos escritórios, vão ao restaurante, riem, brincam, tudo parece continuar igual, mas se ouvem sirenes, e carros sem placa passam a toda a velocidade com civis armados.

Segunda-feira 29

No sábado, visito o Enrique Pezzoni, hospitalizado por causa de um acidente de carro. Vou com o Luis Gusmán. Fico um pouco a sós com o Enrique, que mantém o bom humor, mesmo engessado. Dali a pouco chega Bioy Casares, um senhor amável e sutil que critica — ele também — o golpe militar.

Segunda-feira 5 de abril

Sexta-feira, na livraria, o Marcelo Díaz me conta do empastelamento da Siglo XXI, homens à paisana armados, interdição por ordem da Junta Militar. Os militares vão seguir nessa linha, será necessário ir para o exílio, então? Em Buenos Aires, enfim, grande clima de incerteza e terror.

Terça-feira

O romance que quero escrever é por ora mais um vago desejo. Terei que tomar uma decisão e me concentrar num projeto durante os próximos seis meses. Ideia um tanto abstrata do tema: a biografia de um personagem histórico escrita a partir de um arquivo.

“Não sei como descrever o estado em que me encontrava, tomado de uma espécie de pavor mesclado de impaciência,

temendo aquilo que eu desejava, a ponto de às vezes procurar seriamente em minha cabeça algum meio honesto de evitar a felicidade.” J.-J. Rousseau, *Confissões*, Livro v.

Quarta-feira

Nu no banheiro, dou uma topada com o pé na porta, os dedos estalam com um ruído sinistro. Pulo num pé só e não consigo me olhar no espelho, medos diversos: a repressão, a situação política.

Ontem, confuso, dei péssimas respostas ao Alberto Szpunberg, que está preparando um artigo sobre a nova narrativa e escolhe meu livro como o melhor. Apesar disso (ou por causa disso), penso que sou incapaz de pensar e o que sair nessa reportagem servirá para me arruinar.

Não queria voltar à reclusão de 1969-70: querer escrever um romance sem ter nada nas mãos (a não ser esse desejo), deixar tudo, deixar os dias passarem (um após o outro).

Sexta-feira 9

Estranha angústia. Pela primeira vez vivo historicamente. Temores que vão além dos vaivéns da alma. Detenções, buscas. Basta um pouco de música na casa em frente para que eu corra até a janela e olhe por onde poderia escapar.

A par disso, tudo parece transcorrer normalmente: proposta de *El Cronista Comercial*, me oferecem 500 mil pesos por um artigo de seis laudas sobre Arlt. Para me convencer, dizem: nunca na história do jornal se pagou tanto a quem quer que seja.

No café La Ópera, encontro o Roa Bastos, um pouco perdido e pálido, sofrendo desgraças várias. Com o casamento destruído e sem que a aventura com a jovem estudante de letras tenha

durado mais do que um mês, queixa-se com suavidade. Falamos da situação política, ele está muito pessimista (eu também): não sabe se fica em Buenos Aires ou se viaja para a França. Ele me oferece escrever um prefácio sobre Rafael Barrett em troca de mil dólares para a Biblioteca Ayacucho, dirigida por Rama na Venezuela. Recuso. Proponho, através dele, escrever um prefácio para o volume de Roberto Arlt ou para *Facundo*, de Sarmiento, ou para *Una excursión a los indios ranqueles*.

Quinta-feira 29 de abril

Para o romance, trabalhar com o método de Dickens: reconhecimentos inesperados e múltiplos.

Quarta-feira 5 de maio

Não há consolo mais hábil do que pensar que escolhemos nosso infortúnio.

Ontem, na Biblioteca do Congresso, volto ao prazer das salas de leitura, dos fichários. Lá me perco como numa viagem. Por isso pensei que seria capaz de suportar três ou quatro meses de solidão total com o único procedimento de sair de casa às cinco da tarde e ficar na biblioteca até a meia-noite. O notável é que um método de defesa se torne um exemplo de rigor intelectual. Ou melhor, é notável que, nesse tipo de guerra, a construção de trincheiras seja uma forma de “saída intelectual”.

Quinta-feira 6

Temores vários, efeitos de uma realidade que se agrava e se complica. Notícias confusas. Saudade do tempo em que podia escrever tranquilo sem temer a história (um pesadelo do qual tento acordar, como dizia Stephen Dedalus).

Terça-feira 11

Parece confirmada uma proposta do Ángel Rama (através do

Roa): mil dólares para preparar uma edição de Roberto Arlt para a Biblioteca Ayacucho da Venezuela. É a encomenda que precisava para organizar minha vida (além do mais, neste país, com mil dólares dá para viver um ano).

Às vezes penso que, seguindo um homem ao acaso pelas ruas da cidade, esse homem (ou qualquer outro) poderia nos conduzir a um crime.

Sábado 22

Reunião de Videla com escritores (Borges, Sabato, Castellani): ser canalha não depende da qualidade do estilo. Da minha parte, nada a dizer, se bem que o padre Castellani, segundo dizem, pediu pelo Haroldo Conti, desaparecido há várias semanas. O padre jesuíta conheceu o Haroldo no seminário.

Segunda-feira 24

O bar onde me encontro com o Pablo Urbanyi na esquina da Córdoba com a Callao, como numa aparição ou memória proustiana recordo aquela vez em que eu estava falando ao telefone deste bar e vi a Julia atravessando a avenida com seu ar de beleza egípcia. Uma lição moral: essa lembrança me fez esquecer por completo a conversa com o Urbanyi.

Admirável carta de Chklóvski para Roman Jakobson, que estava em Praga (incluída em *A terceira fábrica*): “Você é um imitador. Na verdade, é um palhaço [...]. Mas me diga, por que banca o acadêmico? São tediosos, velhos de três séculos. São repetitivos, imortais”.

Quinta-feira 27

Ontem, encontro com o Carlos Altamirano, saiu (com a Beatriz) da *Los Libros* pelos mesmos motivos que eu.

Diversas leituras sobre história argentina com *Facundo* como eixo. Longe da escrita, faço fichamentos como se construísse quebra-cabeças, jogos vazios.

Mau tempo para a poesia, como dizia Brecht na época de Hitler.

Sábado 5

Um turista, para não dizer um presidiário; ontem à noite, Stravinsky até de madrugada. Agora está chovendo; espero a hora de começar o curso. Preparo um mate.

No cinema, ontem, vi a mulher mais bela da cidade.

Para sair desta encruzilhada, talvez me adiante dedicar as manhãs a transcrever o diário. Um exercício, ou melhor, uma mania.

Mudo a luminária de lugar, agora a mesa parece ter um espaço novo. Essa simples mudança bastou para me fazer feliz.

Domingo 6

Nas poltronas de couro da Central Internacional, imagino o David em San Diego: telefono para ele. Escuto a voz sonolenta da Beba, e depois ele e eu trocamos frases confusas. “Você acha que minha viagem é possível?”, ele me pergunta. Foi por isso que me pediu para ligar: “As coisas, no fundamental, não mudaram depois que você foi embora”. Saio para a cidade com uma vaga sensação de não ter dito o quanto me alegra que ele volte e, ao mesmo tempo, com o temor de não ter sido claro a respeito da situação, dos riscos e da inutilidade de ele abandonar o exílio.

Sábado 12 de junho

Os dias passam em oscilações que me lembram o ano de 1970.

Leio, estudo, tento (sem sucesso) retomar os romances. Tenho dinheiro, mas não sei como gastá-lo: compro sapatos, malhas, livros, duas garrafas de uísque. Não há nada a dizer. Este diário caiu mais baixo do que nunca.

Quarta-feira 23 de junho

Digamos um dia típico nestes tempos. Trabalho a manhã inteira no primeiro rascunho de um dos romances, depois de umas duas horas consigo alguns resultados. Arocena, o censor que lê cartas ao acaso num escritório do Correio Central.

Às três vou à Biblioteca Nacional, leitura sobre o século XIX, o livro de Tulio Halperín sobre Echeverría, a correspondência de Sarmiento. Às sete, passo por *El Cronista Comercial* para ver o Andrés, vamos a El Querandí: balanços e dispersões. Ele me entregou um conto (“El cruce de la cordillera”), retórico e desalinhavado. Espera que a Sudamericana, ou a Seix Barral, ou a Siglo XXI do México publique seu romance. Depois fui (mais uma vez nesta semana) à Cinemateca, bom filme tcheco (*O vale das abelhas*). Quando as luzes se acendem, encontro o José Sazbón. Grande alegria. Ele, como eu, é um solitário em busca de um refúgio na tela e no escuro do cinema. Comemos uma pizza na Callao quase com a Corrientes.

Sábado 3 de julho

Entro na Arenales (resolvi comprar pastilhas para aliviar a irritação na garganta — por causa do cigarro) e encontro o Eduardo Galeano, nos despedimos porque ele está indo embora (para o México ou para Berlim).

Sábado 31 de julho

Um mês atroz. No mesmo sábado 3, na tarde da anotação anterior, pouco depois de chegar em casa, uma voz masculina me diz pelo porteiro eletrônico que precisam entrar no

apartamento, da parte de Obras Sanitárias. Pronuncia mal meu sobrenome: “É o sr. Rienzi?”. Sem pensar duas vezes, desço e vou até o Jardim Botânico, eles subiram pelo outro elevador. Passei duas horas sentado sob as árvores com a mente em branco. Por fim, voltei e falei com o porteiro: “Mostraram credenciais do Exército”, disse. Depois dei voltas por vários lugares, passei um tempo na casa do Horacio em Adrogué. Ele sabia perfeitamente o que estava acontecendo e não me fez muitas perguntas. Apesar de ter três filhos, correu o risco de me refugiar por uma semana. Eu me instalei num quarto dos fundos e fiquei lá lendo uma história do nazismo. No fim da tarde, o Horacio, que é como um irmão, vinha bater papo comigo. Quanto mais dura e despótica é a situação política, mais falamos de qualquer coisa, como se repetíssemos a frase de Joyce: “Já que não podemos mudar a realidade, vamos mudar de assunto”.

Segunda-feira 9 de agosto

O esforço por manter meu pensamento afastado do real me reduz a uma idade mental próxima à dos meus doze anos. Naquele tempo eu brincava de acertar uma bola de borracha num balde e fantasiava em ser um grande jogador norte-americano de basquete (uma espécie de Bill Russell). Agora estou lendo vários livros ao mesmo tempo: sobre os nazistas, sobre a Idade Média (ontem, domingo) e sobre as formações pronominais. À noite, pela primeira vez na vida, tenho insônia.

Domingo 29 de agosto

Passei duas semanas na casa de um amigo do Horacio que está viajando; ele conseguiu as chaves e me levou a um velho edifício para os lados de Tribunales. Sem lugar, sem futuro, sou capaz de me concentrar neste ninho cheio de rituais absurdos.

Afundado na vida cotidiana, vejo várias mulheres passarem por mim (Amanda, Isabel, Lucía, Pola), sem ter onde realizar as

fantasias. Pela primeira vez, as crises são objetivas. Quem sabe devesse me exilar, mas enquanto isso vivo o dia de hoje. Conflitos cotidianos, pesadelos noturnos.

Segunda-feira 30

Lembro com saudade das minhas piores épocas, em meio às chuvas que assolam este país. Perdido e sem ancoragem. Agravado pela presença da S., que me procura com a avidez de sempre e que resisto a considerar mais do que uma paixão passageira. Perdi tudo, vivo em território inimigo, afundado na suja contemplação.

Quinta-feira 16 de setembro

Caminho pela cidade. Como isso pode estar acontecendo comigo? Penso que desta situação saio de duas maneiras: ou destruído, ou certo de poder renascer. Também não sei o que quero que aconteça.

Quarta-feira 22 de setembro

Volto pela Callao e na esquina com a Viamonte vejo uma aglomeração, com vários carros da polícia. Alguém, uma mulher, diz: “É numa casa”. Dou meia-volta, viro na Tucumán, e na esquina da Riobamba um soldado desvia o trânsito. Penso: “É uma busca”. Eram 15h30. Sento num bar, telefono para casa. Ninguém atende. Viajo de metrô como um morto, desço nas estações intermediárias para telefonar de novo para casa de telefones públicos. Ninguém atende. Espero o próximo metrô, ameaço entrar, mas fico na plataforma para ver se não estou sendo seguido. Entro no trem seguinte, viajo pela cidade de ponta a ponta. Imagens dispersas. Termino na praça de Mayo. Não sei onde passar a noite. Penso: “Perdemos tudo”. Decido ligar para o Andrés, nos encontramos no El Querandí. Conto para ele o que aconteceu. Parece surpreso. Vamos a um bar na avenida Belgrano. Ele liga, e a Iris atende. O trânsito tinha sido

desviado por causa dos festejos do Dia da Primavera.

Terça-feira 28 de setembro

Continua a queda aos infernos. Notícias sinistras sobre buscas e desaparecimentos.

A história de um homem pessimista que passa os melhores anos da vida esperando a catástrofe, e quando a catástrofe chega é pior do que ele imaginava.

Hoje à noite os amigos do Elías transportaram sigilosamente meus livros e os poucos objetos que deixei no apartamento da rua Canning ao fugir.

No meio, as garotas. Ontem à noite foi a Pola quem quis se deitar comigo, assim como a S.

Nem ler eu consigo, portanto o vazio é total.

Quarta-feira 29 de setembro

Agora estou lendo o diário de Kafka. É notável no tom — sempre preciso — das descrições, ao mesmo tempo algébricas e líricas. Evitar o kafkiano (quer dizer, seus temas), mas rondar a entonação da sua escrita: distante, fria, cerebral. Ao contrário da minha relação com Borges, de quem aprendi muito sobre a articulação de diversos materiais, mas evitei — ao contrário da maioria dos meus contemporâneos — os maneirismos do seu estilo (que todos copiam). Kafka e Borges: dois escritores inimitáveis mas fáceis de plagiar.

Segunda-feira 18 de outubro

Bebo álcool para me manter à tona, vinho branco desde as onze da manhã, recebi uma carta do David, e isso serve para aplacar a solidão. Como se eu já tivesse perdido os pontos de

referência e não existisse um centro. Sou um refém.

Quinta-feira 28

“Nenhum homem difere tanto de qualquer outro como de si mesmo ao longo do tempo.” Pascal.

Só vou mudar quando eu conseguir mudar a escrita deste diário.

Luis Gusmán me pede um conto para uma antologia de novos narradores (novos?). Queria lhe entregar um texto que fossem “Páginas de um diário”. Dez dias: um homem se despede dos amigos, da mulher, encaixota seus livros como se fosse morrer... Nesses dez dias termina uma tradução de cartas de Malcolm Lowry e dá uma palestra sobre Borges. Escreve cartas. Recebe uma...

Nunca escrevi tão pouco nestes cadernos, um ano em cinquenta páginas, e ao mesmo tempo é o ano mais carregado de acontecimentos da história.

Novembro

Nestes tempos minhas saídas se reduzem às visitas que faço todas as tardes ao Luis Gusmán na livraria Martín Fierro. Fiquei sozinho depois do exílio dos amigos (David, León, José Sazbón, a distância do Saer e do Puig) e dos afastamentos (B. e N.), já longe dos velhos circuitos sociais (as reuniões na Galerna, na revista, na editora), que se dissolveram nessa situação. Sofro na vida pessoal os efeitos da história política (a perda do apartamento da Canning, claro, meus livros e objetos num guarda-móveis, a falta de trabalho e de dinheiro, os riscos), mas atribuo essas catástrofes a mim mesmo. Hoje, como sempre, fui à livraria, encontrei *Speak, Memory*, de Nabokov, e *Os cadernos de Malte*, de Rilke, para motivar e justificar o vazio dessa

exploração monótona. Sentados a uma mesa do Banchero, na Corrientes com a Talcahuano, escuto as notícias que o Luis me conta sobre o estado geral da literatura argentina e dos seus jovens escritores. Fala e volta a falar de uma mesa-redonda com Asís, Rabanal et al. Caminho pela cidade sem vê-la; já perdida a distância daqueles anos remotos, a cidade deixou de me interessar, ou então é o contrário: é a cidade, ocupada, que talvez tenha se esquecido de mim.

Um modo de trabalhar a oralidade na literatura é evitando as descrições. Nesse sentido, são visíveis os equívocos da minha narrativa, com seu tom demasiado escrito e seu excesso de descrições.

É evidente que perdi mais do que um apartamento. Ao mesmo tempo, é evidente que fiz mal em deixá-lo e, se o deixei, foi por seguir o conselho dos amigos. Mas se tinham vindo me buscar, por que foram só ao apartamento? Talvez o endereço estivesse numa agenda, ou os vizinhos me denunciaram porque eu recebia gente jovem. O porteiro disse que lhe mostraram credenciais. Desde aquele dia, faz um mês, circulo pela cidade na intempérie.

Por isso não parece possível admitir que *tudo* seja culpa da situação política.

Terça-feira

Justamente porque nestes cadernos só em raros momentos encontro a mim mesmo, preciso valorizar sua escrita. Escrever um diário é escrever para ninguém, numa linguagem cifrada que só entende quem a escreveu, não tenho por que contar a mim mesmo o que já sei, nunca explicar: isso não é narrar, e sim escrever. Ao mesmo tempo, escrever como se o verbo fosse intransitivo.

Terminar um texto (este diário, qualquer outro) com a frase: eu

morri.

Você tinha decidido se despedir sem dar maiores explicações, ou melhor, sem que ninguém se explicasse por completo. Movimentos furtivos: arrumar e encaixotar a biblioteca, guardar os papéis. (Vontade de dar todos os meus livros.)

Quarta-feira 10 de novembro

Um narrador que conta a mesma história para diferentes destinatários. Ou diferentes pessoas que recebem a mesma história. Inversão de Conrad e de Faulkner. Não diferentes versões de uma narrativa, mas a mesma narrativa para diferentes pessoas.

Ao meio-dia vou à Martín Fierro, encontro o Luis. Almoçamos num bar da rua Talcahuano. O Luis quer me convencer a participar de um livro sobre Borges. Recuso, elusivo, faço críticas gerais: todos os imbecis escrevem sobre Borges. Jurei nunca escrever um livro sobre ele.

Quinta-feira 11

Comecei a envelhecer. Aqui estou eu, cravado numa cadeira, afundado na minha própria vida, sem acreditar em nada. Trabalho, espero, tive o que queria. Tudo como num sonho.

Encontro o Andrés Rivera, nos vemos no El Querandí, ele vacila entre publicar ou não seu romance. Eu o aconselho a esperar, os militares não vão durar dez anos..., ele dá risada. Em certo sentido, meus encontros com ele me tranquilizam, como se restasse um sobrevivente do passado com quem conversar. Ele se mudou, está esperando os pais morrerem.

Domingo 12 de dezembro de 1976

Ontem, telefonema dos Estados Unidos. Oferecem um cargo

para os dois na Universidade da Califórnia, San Diego, por 6 mil dólares, de janeiro a junho. Por outro lado, acenam com uma alternativa: duas bolsas de doutorado, de quatrocentos dólares, por três anos. Ligamos hoje para pedir 8 mil dólares e as passagens. Descansar por seis meses deste horror. Por que não ir?

Meu passaporte venceu em 5 de dezembro, preciso renová-lo, tirar o visto, medo das identificações.

3. Diário 1977

Quarta-feira 6 de julho de 1977

De novo em Buenos Aires, a entrada na cidade sob a neblina. Vou até a agência telefônica da rua Maipú para falar com o Joe na Califórnia e tranquilizá-lo: chegamos bem, o *mole poblano* saiu perfeito. Usamos a comida mexicana como mensagem cifrada. Volto a pé pela Corrientes como quem vive numa cidade ocupada pelo exército inimigo.

Minhas reações ao regresso, as notícias dos amigos e minha dificuldade para encontrar um lugar onde morar podem ser vistas como uma versão privada da história política.

Quinta-feira 7 de julho

Zona de detenção nas placas que indicam os pontos de ônibus. A verdade é exposta na troca dos sinais de trânsito em Buenos Aires.

Sábado 9 de julho

Leio um excelente romance de Peter Handke (*Breve carta para um longo adeus*): tom tranquilo de um narrador que circula pelos Estados Unidos “livre de laços”, solitário, com ecos de Fitzgerald e de Chandler, está na tradição das histórias que quero escrever.

Na Califórnia, morei em La Jolla; inacreditavelmente, ninguém conhecia Raymond Chandler nesse vilarejo, onde ele morou por muitos anos e onde morreu.

Terça-feira

Volto a circular por Buenos Aires, almoço com Germán García, Marcelo Pichon-Rivière, Luis Gusmán, María Moreno, discutimos a situação ambiental, os riscos do clima na cidade.

Procuro um apartamento. Não seria o caso de investir nisso todo o dinheiro que tenho? Um lugar para trabalhar, sair do círculo que começou há exatamente um ano.

Domingo

Na análise de *Facundo*, de Sarmiento, levar em conta as mudanças no exército depois de Napoleão: exército popular e não profissional, alistamento voluntário que entre nós definiu as *montoneras gauchas*.^[1]

Releio o caderno de novembro a abril, bem escrito, um pouco trágico: mas quanta banalidade, da perspectiva de hoje. Penso num quarto de hotel para resolver as coisas de uma vez.

Trabalho numa antologia de narradores norte-americanos que começaram a publicar no final dos anos 50 (T. Pynchon, J. Hawkes, J. Barth, D. Barthelme, J. Heller, P. Roth, J. Updike, G. Paley, W. H. Gass, J. P. Donleavy, J. Rechy etc.).

Segunda-feira

Melancólico percurso pelos lugares desabitados da cidade: acabo de olhar um apartamento menor que uma caixa de sapatos, pelo qual pediam 2,5 milhões de pesos por mês e aumento de 15% a cada três meses, além de 12 milhões de pesos de caução. Um dez pessoas estavam brigando por ele quando cheguei. Preciso aprender a trabalhar em qualquer lugar: bares, bibliotecas, praças, ônibus, trens, estações, hotéis. Tenho seiscentos dólares e a entrada garantida de trezentos dólares por mês daqui até dezembro, mais algumas propostas de trabalho em

vista. Durante toda a minha vida deixei tudo de lado pela literatura, escolhi a intempérie para preservar a liberdade de trabalho. Pelo menos devo saber que por baixo disso não há nada: nunca pensei no dinheiro, mas quando ele faz falta para alugar um buraco, eu me deixo levar pela metafísica da poupança.

No jantar da terça-feira com a Beatriz S. e o Carlos A., volta a ideia de fazer uma revista com o apoio dos rapazes (o Rubén e o Elías), trabalhar nas sombras uma publicação dedicada a reconstruir tudo o que se perdeu e entrar em conexão com os amigos exilados. Da minha parte, nenhum entusiasmo, mas aceito o projeto porque entendo sua importância etc.

Quinta-feira

Jantar com Anita Barrenechea, E. Pezzoni, Tamara e Libertella. Tento compartilhar minha experiência na Califórnia, um possível exílio dourado que recusamos porque o assim chamado marido da Iris se recusa a abrir mão do “pátrio poder” para que ela possa viajar com o filho. Não existe canalha maior do que o bem-pensante de esquerda. Em todo caso, eu me alegro secretamente por não sair daqui: estou na segunda linha, os que estavam no front morreram todos. Não demora, os tiros vão chegar a esta trincheira... O Enrique me pede o romance que ainda não escrevi (exceto o primeiro capítulo).

Sexta-feira

Alugo um quarto na grande casa de uma mulher que mora sozinha na rua Azcuénaga, perto da Córdoba. É uma parente distante de uma parente distante, sai para trabalhar de manhã e volta no fim da tarde, portanto tenho várias horas para trabalhar em paz. Continuo me desfazendo dos meus livros, as bibliotecas que perdi (a começar pelas que deixei na casa das minhas duas ex) são apenas uma “metáfora material” dos livros que não li,

biblioteca imaginária, também perdida.

Ligado ao anterior, sempre presente um trabalho sobre a leitura na Argentina: Mariano Moreno, que morre traduzindo um romance; Mansilla, que lê *O contrato social* à sombra de um salgueiro junto ao matadouro; o general Paz, que cai prisioneiro e a quem Estanislao López empresta *A guerra das Gálias*, de Júlio César; Hernández, que lê *Los tres gauchos orientales* no quarto de hotel onde se refugiou; Borges, que lê pela primeira vez *A divina comédia* todos os dias no bonde que atravessa a cidade e o leva ao seu trabalho de obscuro bibliotecário.

Sábado

Não conheço outro sentimento além da nostalgia.

Admiro os que se empenham em escrever em tom irrefutável. É uma qualidade que encontro em Brecht, Kafka, Borges, Calvino.

Segunda-feira 25

Para voltar ao assunto da biblioteca perdida, a lembrança dos livros que estive a ponto de comprar mas não comprei: por exemplo, a edição de La Pléiade dos romances de Flaubert que vi naquele dia na vitrine da livraria Hachette, mas segui em frente, e que quando, horas depois, arrependido, voltei a procurar, já tinha sido vendida. Um livro sobre linguagem e contexto do linguista romeno Coseriu que vi na livraria da Callao com a Córdoba. Por fim, a versão completa dos *Cadernos do cárcere*, de Gramsci, que não quis comprar na livraria Rizzoli de Nova York porque achei que na alfândega etc. Livros perdidos, inesquecíveis, que nunca tive. Uma biblioteca imaginária: lembro melhor desses livros — seu formato, sua tipografia — que de muitos outros que tenho comigo. Escrever um ensaio sobre os livros que alguém recorda.

Quinta-feira 28

Para mostrar certos bastidores da minha vida cotidiana, direi que por estes dias preciso dar um jeito de que alguém venha buscar duas caixas de livros e as retire do cômodo onde penso instalar uma mesa de trabalho.

Sexta-feira

Certeza de que nunca vou conseguir escrever.

Sábado

Lembrar a frase que anotei ontem sobre a certeza de que para mim é impossível escrever é o único modo de poder começar a escrever: a partir do vazio, da estupidez, um avanço lento e desajeitado.

“Postulemos, portanto, como ponto de partida, que a arte não é recorte do real, e sim um modo de ver — e que não existe forma do informe.” Pierre Francastel, *La Figure et le lieu: L'Ordre visuel du Quattrocento*.

Domingo

Leio e releio um texto de Santo Agostinho, e minha própria leitura é uma prova do meu estado atual. “Pobre de mim! Quem me libertará? Do que se me libertará? Dize do quê. Uns dizem que do arbítrio; outros, do cárcere; outros, do cativoiro dos bárbaros; outros, da febre e da agonia. Dize tu, Apóstolo, não aonde seremos mandados ou de onde seremos tirados, mas o que levamos conosco, o que nós mesmos somos, dize. Do corpo desta morte. Do corpo desta morte? Do corpo — diz — desta morte.” Trabalhar essa dupla enunciação, que fala a outro e escreve com outro, por exemplo em *Facundo*. Representação do delírio.

Segunda-feira

*image
not
available*

Não é inacreditável (penso de repente) que durante vinte anos, apesar de tudo, eu tenha encontrado o impulso necessário para escrever estes cadernos? No entanto, estas anotações fechadas que assinalam o presente têm sido fiéis a mim por anos e anos. Atravessaram minha vida como nenhuma outra coisa, escrita ruim (no sentido moral) que não serve para nada, que não vale nada, que um dia terei que jogar fora. Ou ainda me decidirei a passá-los a limpo e a correr o risco de encontrar minha estupidez?

Quarta-feira 2

Ontem à noite, discussão com a Iris sobre meu conto “Suave é a noite”. Ela aponta a fragilidade da construção e o efeito artificial que ela produz. Talvez tenha razão, para mim o erro — que não voltarei a repetir no romance que estou escrevendo — é o excesso de descrição. Estou decidido a narrar sem descrever.

Sexta-feira 4

Ontem, nova discussão com a Beatriz e o Carlos sobre Lukács: a literatura é uma forma de ideologia e, portanto, reflete. Então desliguem o projetor, digo.

A revista avança. Hoje à tarde, reunião das sextas-feiras, Susana Zanetti, Noemí Ulla, María Teresa Gramuglio, Josefina Delgado, a Beatriz e o Carlos. Vaguezas teóricas que discuto sem convicção. Só me entendo por momentos com a María Teresa, porque ela, pelo menos, sabe ler.

Quarta-feira 9

Termino um rascunho de vinte páginas do capítulo de Ossorio em Nova York.

Pela janela, vejo lá embaixo o terraço do colégio de freiras: a aula de ginástica. O recluso sou eu.

*image
not
available*

presente como se já tivesse passado? A distância, não há também nisso um tema trágico? Alguém deveria escrever a história de um Don Juan em quem ninguém acredita, todas as máscaras caem, a sedução fracassa.

Segunda-feira 14

Depois de duas horas de trabalho, se estou muito concentrado, preciso pôr a cabeça para fora como quem mergulha no mar e sobe até voltar à tona em pleno sol. Duas horas para escrever uma página e, depois, o resto do tempo para esperar a manhã seguinte em que será possível, durante duas horas, escrever outra página.

Romance. Avanço às cegas, mas sei o que procuro e sei qual é o romance que gostaria de escrever. Maggi é contratado para escrever — ou lhe encomendam — a biografia de alguém. Precisa se apoiar numa vida alheia. Trabalha com documentos, cartas, fotografias. Encontra-se todas as tardes com Ossorio. Maggi lê para ele o que escreveu de manhã e de noite. Vivem numa casa afastada de um bairro tranquilo. O homem cuja vida eles querem conhecer desapareceu e só restam seus papéis, os segredos, escreveu muito ou deixou muitos rastros. Alguém quer impedir que essas memórias sejam publicadas. Entrevistas e pesquisas nos arquivos históricos das pessoas citadas nessa biografia.

Minhas maiores dificuldades na vida resultam do fato de não ter, digamos assim, um modelo com o qual me identificar, ou melhor, um modelo no qual me basear (já se sabe o que isso quer dizer na psicanálise). Nunca consegui me basear na experiência recebida para saber se tudo vai bem. Rompi minhas relações com o mundo familiar muito cedo, meu pai sempre foi para mim um contraexemplo, e no entanto, graças a isso, consegui cedo minha liberdade, pelo menos bem jovem, antes dos dezoito já morava

*image
not
available*

Como sempre, o ritual das quintas-feiras, o jantar no restaurante em Primera Junta, com o Carlos e a Beatriz, nos encontramos para falar do que estamos fazendo, reconhecer que há outros neste deserto. Especialmente notável o caso do Carlos, que parece muito seguro da sua posição no mundo intelectual, uma posição ao mesmo tempo humilde e complexa. Um intelectual de novo tipo, numa época que recusa toda reflexão e anula qualquer vontade de trabalho. Eu, por meu lado, estou longe dele, não pessoalmente, mas justo por seu modo de pensar, que sinto alheio às questões de poética que no meu caso decidem todo o meu trabalho. Como fazer o que quero fazer se ninguém toma conhecimento etc.?

Sexta-feira 18

Para corroborar o anterior, seduzido pelo convite do Roa Bastos de ir ao Congresso de Literatura Latino-Americana em Cluny (com Cortázar, Carlos Fuentes, ou Paz e outros autodesignados mandarins), depois poderia dar uma série de conferências em universidades da França e da Alemanha. Seria uma base para viver na Europa. Mas é isso o que eu desejo?

Para mim sempre foi mais fácil e mais prazeroso escrever ficção do que escrever ensaios. A ficção é escrita enquanto se escreve, não há nada anterior e você escolhe e despreza o que serve (ou não serve) enquanto avança, não há nada “a dizer”, enquanto no ensaio você tem que fazer com que a prosa sustente aquilo que veio dizer, ou seja, as hipóteses que tenta apresentar. A prosa se enche de nós, protuberâncias, ideias que pertencem a outro registro etc. Escreve-se o que se pensou antes, e isso é sempre um problema, porque a linguagem é feita para que você pense enquanto a usa. Portanto, antes de escrever um ensaio você deve desenvolver as ideias, ter um plano. O mais difícil de escrever é aquilo que você “tem claro”, enquanto na ficção você parte de uma nebulosa escura (por exemplo, um homem escreve a vida de

*image
not
available*

Vou ao cinema assistir a *Patton*, por causa do excelente roteiro de Francis Coppola. Cenas fechadas que terminam com um lance de efeito e vão se encadeando. O microcinema da rua Lavallo está cheio de homens sozinhos, um filme de guerra, clima perverso, ar de pegação homossexual. Soldados, marinheiros, sujeitos com pinta de tarados. Volto caminhando pela Lavallo com a calma de sempre nesses passeios.

Terça-feira 22 de novembro

Trabalho no livro de ensaios, a chave é minha hipótese sobre os modos de apropriação na literatura. São textos de dupla enunciação, escritos de mão dupla: a citação e o plágio definem a fronteira legal/ilegal. No meio está a tradução: o tradutor reescreve um livro — de fato o copia — que é dele e de outro (principalmente de outro), o nome do tradutor — sua propriedade — é sempre invisível, ou quase. Ele escreve o livro inteiro, mas este não lhe pertence. Trata-se, em todo caso, de escrever uma leitura. Na linguagem não existe propriedade privada, a passagem à propriedade, ou seja, a apropriação, em certo sentido define a literatura. Deve-se pensar sobre o que acontece na mudança de idioma: o escritor escreve o mesmo livro em outra língua (Borges faz isso com as citações que ele mesmo traduz e transforma em textos escritos sempre “à maneira de Borges”, quer dizer, apropria-se deles, de modo que sempre temos a sensação de que ele inventou as citações ou atribuiu suas frases a um autor existente). É preciso trabalhar a relação entre legalidade e propriedade.

Romance argentino. Evidentemente, o caráter nacional do gênero surge na autobiografia. Os “retratos” das pessoas que o autor conhece e frequenta começam a definir um uso romanesco da narrativa pessoal. Por exemplo, o cabo Gómez em Mansilla, os retratos que aparecem em *Facundo*, de Sarmiento (o rastreador, o *gaucho* mau). Seria o caso também de observar a transcrição de

*image
not
available*

num homem famoso por ter escrito para um diretor de cinema que admira. Não muito diferente de mim, que também escrevi — com um pouco mais de sorte — mensagens para desconhecidos de quem esperava tudo.

Certo temor à proliferação não me deixa escrever, passo a maior parte do tempo numa luta ferrenha com as palavras, os parágrafos, os períodos, as páginas, os capítulos. Reescrevo e releio, copio e reviso sem avançar, a prosa tem para mim um efeito que sempre me deu uma sensação de bem-estar: escrevo para não pensar, mas, então, como fazer para me distanciar da narrativa e saber onde encontrar o fim?

A prova de que sabemos algo, disse Aristóteles, consiste em que podemos ensiná-la.

Desordenadas leituras do jovem Lukács. Fascinado por sua *Teoria do romance*. Tende a construir uma teoria do personagem diferenciando o protagonista do romance do herói da tragédia. Deve-se pensar a passagem da tragédia para o romance. A pergunta de todos é por que não se escrevem mais tragédias.

Gostaria de registrar para mim mesmo o modo como hoje vai se transformando num dia típico. Levanto depois de ler os jornais na cama, tomo um banho e em seguida uma grande xícara de café preto com uma torrada e venho para cá trazendo vários livros que espero usar no trabalho. Compro o *Clarín* da quinta, que traz o suplemento literário, e entro, um pouco mais tarde do que de costume, no meu estúdio, tomo o primeiro mate e escrevo neste caderno. Por volta das dez me sento para trabalhar e cinco minutos depois decido que é impossível, não vou escrever mas também não me decido a fazer outra coisa, passo a manhã inteira inativo e, por fim, de puro tédio, encontro uma frase que soa como música na minha cabeça, depois que a

*image
not
available*

ideia de arranjar um trabalho (dar aulas, ser editor, dar conferências). A outra razão, basta com o que escrevo nestes cadernos: reflexões privadas sobre os modos de fazer e de ler literatura. Não haveria necessidade de publicar nenhuma dessas hipóteses se não existisse uma espécie de demanda implícita. Volta e meia alguém me pede para escrever um ensaio e me paga por isso, mas é muito raro alguém me pedir um conto ou outra narrativa e pagar por sua publicação. (Pelo menos em Buenos Aires.)

Quinta-feira 1º de dezembro

Excelente narrativa de Alan Pauls, que, aos dezoito anos, conseguiu realizar uma novela (*Anverso y reverso*) com o tema do homem sozinho: alguém que se reclui numa clínica depois de se mutilar para fugir de um perseguidor. O Alan é muito inteligente e escreve muito bem. Tenho com ele a mesma sensação que tive quando li as primeiras coisas do Miguel Briante, que também nessa idade mostrava grande destreza e um estilo notável. Mas tenho a impressão de que o Alan Pauls tem mais futuro, o Miguel acabou enredado no mito do escritor precoce e teve muita dificuldade para voltar a escrever. O Alan, ao contrário, é — ou tenta ser, acho — mais completo, mais culto, e dele se pode esperar o melhor.

O mais difícil para mim é manter o embalo quando a escrita preferida e os textos parece que vão se escrevendo sem minha ajuda, por si mesmos. Normalmente, essa “inspiração” (ou seja, para mim, uma concentração extrema) dura no máximo duas horas...

Como se vê, este caderno avança porque nele escrevo invariavelmente uma série de motivos que chamarei de musicais, uma melodia, um *ritornello* em que volto a dizer sempre a mesma coisa, mas em outro registro. A mudança mais visível é

*image
not
available*

No sábado, longa conversa na casa da Beatriz, de onde saio descontente. Conciliação.

O peso das coisas por fazer é um obstáculo sempre renovado: cartas, artigos, encomendas, pareceres etc. Para completar, hoje me avisam do jantar de amanhã com outros críticos (Nicolás Rosa, M. T. Gramuglio etc.): nunca gostei de comer com intelectuais.

Quarta-feira 14

A reunião de ontem à noite, o jantar, a conversa e o vinho até as três da manhã. Nada a dizer. Mas digo o que lembro: num velho restaurante de La Boca estavam o Lafforgue, a Josefina Delgado etc. A conversa derivava sem ordem: Joyce, Borges, a enquete do *La Opinión*, Saer, minha novela sobre Arlt, as atrizes. Depois fomos a Los 36 Billares, na avenida de Mayo, e lá, na ponta da mesa com o Lafforgue, o Carlos e a Beatriz, passamos em revista os filósofos argentinos: Astrada, Mondolfo, Guerrero, Pucciarelli. Discutimos (discutiram comigo) a pertinência, ou não, de incluir León Rozitchner nessa lista.

Quinta-feira 15 de dezembro

Estou trabalhando no romance desde agosto, mas só no fim de outubro entrei para valer no livro, portanto faz dois meses que estou em plena *Respiração artificial*.

Encontro com o Rubén K. no bar da Córdoba com a Ayacucho. Veio me ver para que eu lhe conte a quantas ando e o que estou escrevendo. Faço um resumo do tema do romance, e ele, como sempre, se mostra atento e interessado no que eu faço. Vive na clandestinidade, usando documentos falsos, e parece sempre alegre. Uma vida ao mesmo tempo humilde e épica.

Sexta-feira 16